

Corpo, gênero e sexualidades

*Problematizando estereótipos*¹

ALFRANCIO FERREIRA DIAS*

RESUMO: O objetivo deste texto é revisitar as abordagens de corpo, gênero e sexualidade, problematizando estereótipos na formação de professores a partir da perspectiva dos estudos pós-críticos, ao mostrar a resistência à sua inclusão no campo da educação e ao desconstruí-los a partir de novas significações.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Sexualidades.

Introdução

O texto traz um investimento teórico desenvolvido nos últimos anos, influenciado pelos estudos pós-críticos, a partir da perspectiva de que a linguagem e os processos de significação influenciam a produção do conhecimento. Conforme Silva (2013), a teoria pós-crítica questiona a centralidade e a conscientização da teoria crítica, que por muito tempo pautou-se na ideia de classe social e na autonomia do indivíduo, focalizando nos aspectos da cultura, da diferença, das representações e dos discursos, na medida em que o “mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade” (SILVA, 2013, p. 149). Assim, a teoria pós-crítica contribui para pensarmos as questões sobre corpo, gênero e sexualidade no campo da educação, pois problematiza as normatizações e as construções de ideias pré-estabelecidas para pensar uma formação cultural. Nessa perspectiva, nosso objetivo foi revisitar as abordagens de corpo, gênero e sexualidade, problematizando e desconstruindo estereótipos na formação de professores para a educação básica.

* Doutor em Sociologia. Professor Adjunto “A” do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da Universidade Federal da Sergipe (UFS) - Campus Itabaiana. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (Nepim/UFS). Vice-líder do Grupo de Pesquisa: Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero no CNPq. Aracaju/SE – Brasil. *E-mail:* <diasalfrancio@hotmail.com>.

A opção metodológica recaiu na abordagem qualitativa, por considerar a necessidade de um conjunto de técnicas interpretativas para expressar o sentido dos fenômenos sociais e a compreensão dos significados das ações e relações humanas (DENZIN, 2006). A pesquisa foi realizada com 23 alunos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, bem como com dez docentes de uma escola pública municipal de Itabaiana/SE. Na coleta de dados foram consultadas diferentes fontes de informação, com vistas a produzir conhecimento a partir de coleta de dados, tais como: proposta de intervenção, questionários aberto e fechado, observações de oficinas.

Dividimos nossa argumentação em duas partes. Na primeira, discutimos as principais ideias dos estudos sobre corpo, gênero e sexualidades nas ciências humanas (LE BRETON, 2007; LOURO, 2010; FOUCAULT; 2014; BUTLER, 2010a; GOELLNER, 2010), na tentativa de revisitar e evidenciar o lugar dessas temáticas na produção do conhecimento. Propõe-se, assim, questionar o “lugar” e o “não lugar” do corpo, do gênero e da sexualidade a partir dos sentidos e das significações culturais, pois acredita-se que as interações sociais e os processos de identificação desestabilizam, alteram e ressignificam o corpo no decorrer das mudanças na relação do tempo e do espaço. Na segunda parte, refletimos sobre o impacto da representação do corpo ressignificado pela cultura na formação de professores e na educação básica, na tentativa de problematizar e desconstruir estereótipos criados e disseminados na sociedade e, longamente, reproduzidos nas práticas escolares.

Revisitando as abordagens sobre corpo, gênero e sexualidades

As temáticas do corpo, do gênero e das sexualidades tem ganhado visibilidade nas ciências humanas. Nesse sentido, revisitar, abortar ou refletir sobre o corpo, gênero e sexualidades no campo da educação é, por um lado, algo que instiga a curiosidade e, por outro, algo que é ainda silenciado. Dada a nossa história de socialização, com processos severos de censura, anulação e disciplinamento do corpo, essas questões estiveram ausentes ou foram trabalhadas superficialmente na escola. Conforme Goellner (2010, p. 28), o corpo é “uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc...”. Nesse caso, cabe questionar, na perspectiva da autora, por qual motivo teríamos um corpo “mutável” e “receptivo” às intervenções científicas, sociais e culturais, mas permanecemos obedecendo às normatizações, bloqueando as representações do corpo no espaço social? Essa indagação é o nosso ponto de partida para pensar sobre o corpo e como ele repercute nas representações de gênero e das sexualidades.

Com uma leitura singular, Le Breton (2007) destaca as principais fases epistemológicas e discursivas do corpo, tornando-se uma referência para aqueles/as que se dedicam a estudar um pouco mais acerca da perspectiva do corpo como um campo de análise científica. Especificamente, em *Sociologia do Corpo*, Le Breton (2007) compreende o corpo como um fenômeno “social e cultural”, em que a corporeidade humana é carregada de motivos simbólicos que repercutem nas representações e imaginários sociais. Na socialização cotidiana da esfera pública ou privada, os indivíduos envolvem a mediação do corpo, que é o “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (p. 07). As formas de vestir, jogar, exercitar, falar, se comportar são determinados pelos significados das lógicas sociais e culturais vigentes a cada época.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (LE BRETON, 2007, p. 07).

As argumentações do autor sobre a representatividade do corpo pode pôr em evidência a forma pela qual as relações sociais são construídas. Assim, percebe-se que os sentidos e significados do corpo podem determinar o papel, o lugar e a atuação dentro das práticas sociais, num movimento de influenciar e ser influenciado mediante a relação que se estabelece no tempo e no espaço.

A naturalização do corpo passa a ser fenômeno social e simbólico que repercute na socialização de homens e mulheres, através da ideia de que a cultura condiciona as representações e imaginários sobre o masculino e feminino, ou seja, as masculinidades e feminilidades. Nesse caso, tem-se como fruto um discurso dicotômico visto que será possível a identificação de corpos educados e corpos não educados, corpos civilizados e corpos incivilizados, corpos naturalizados e corpos ambíguos que influenciarão a socialização dos indivíduos, principalmente na prática pedagógica e no processo de socialização escolar.

Em outro texto discutimos a representatividade do corpo na escola e como a escola educa os corpos nas práticas escolares², partindo da perspectiva de que as questões de gênero e do corpo são um campo de relações de poder, que influenciam as experiências e expectativas de representação do erotismo, do desejo e da sexualidade de meninos e meninas, de homens e mulheres. Como bem discutia Foucault (2014, p. 116) sobre o “dispositivo da sexualidade”, articulando a ideia de que esse dispositivo “tem, como razão de ser, não reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.”

Percebe-se também, que no campo das interações sociais, as masculinidades e a feminilidades são ressignificadas num processo complexo, no qual as relações nas práticas educativas influenciam o significado atribuído às diferenças entre os corpos. Partiu-se das relações que se estabelecem entre docente/aluno, docente/meio, docente/sociedade para entender os sentidos do aprender e do ensinar dos/as docentes sobre o disciplinamento dos corpos e suas variadas formas de representação simbólica nas práticas pedagógicas (DIAS, 2014a). Como principal resultado, temos um corpo em constante processo de escolarização (LOURO, 2010) ou de civilização (FERREIRA; HAMLIN, 2010) no contexto escolar.

Como o corpo é “existencial” (LE BRETON, 2007), na escola a expressão corporal também é mutável, volúvel e fragmentada a partir das experiências e estilos de vidas dos indivíduos que ali convivem. Uns “normais”, alguns “diferentes”, outros “excêntricos”, mas todos são corpos que contribuem para modelar ou questionar a relação tempo/espço, o “lugar” e o “não lugar” em seu universo, e que contribuem para um processo de reconstrução da representatividade ou pertencimento a um determinado grupo social. A preocupação social com o corpo apontada por Le Breton (2007) está, justamente, na necessidade do pertencimento social. Aponta-se um novo imaginário social para o corpo, fruto dos questionamentos feministas com a chamada “revolução sexual”, propondo transformações radicais no discurso da significação corporal para ver o corpo como algo situado no alter ego, no particular, mas influenciado pela existência e por uma crise de significação pautada na modernidade e na “libertação do corpo”. Nesse sentido, nas palavras do autor é preciso “torná-lo não um lugar de exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros, pelo menos é um dos imaginários sociais mais férteis da modernidade.” (LE BRETON, 2007, p. 11).

No caso da escola, compreende-se que meninos e meninas, homens e mulheres não são receptores passivos dos processos reprodutivos desenvolvidos para anular, vigiar, escolarizar o corpo. Tais práticas vêm sendo questionadas por muitos alunos e alunas professores e professoras nas salas de aula. Tem-se no corpo uma forma de questionar os discursos e os lugares próprios e estabelecidos, refletindo sobre a necessidade ou possibilidade de não pertencimento a esses lugares ou, até mesmo, de estar na fronteira, a partir da crise de legitimidade, de individualização e por um discurso civilizador do corpo. Percebe-se que o caminho é longo para a desestabilização dos discursos produzidos e reproduzidos pelas práticas culturais, pois a cultura também tende a condicionar a visão de mundo, o certo e o errado, o lugar e o não lugar, o dentro e o fora dos padrões sociais. Seria um processo de construção de uma identificação da corporeidade padronizada que estamos a questionar aqui, como nos alertam Ferreira e Hamlin (2010):

A constituição de um discurso civilizador abre-se em oposições fundamentais na identificação de um hiato entre natureza e cultura: corpo *versus* mente, prazer

versus razão, forma *versus* essência, matéria *versus* ideia etc. Assim, é comum que o discurso civilizador constitua as seguintes alternativas polares: a natureza alimenta, nutre e constitui nosso lugar dentro da existência; ao mesmo tempo, corrompe essa existência, sepulta-a, impõe-se ao homem civilizado como poder incontrolável, caótico, apavorante. A natureza é simultaneamente faculdade e luto. (FERREIRA; HAMLIN, 2010, p. 82, grifo do autor).

O importante das dicotomias do discurso civilizador trazidas pelos autores é que são delas que surgem os discursos questionadores dos meninos e meninas e homens e mulheres sobre o papel da escola na produção e reprodução do discurso da civilização do corpo, problematizando e enfrentando as regras, bem como o silenciamento do desejo e a separação do corpo e mente, na tentativa de mostrar que ali também é um lugar para a representação da sexualidade.

Durkheim (1961) trabalhou a ideia do indivíduo duplo, existindo dentro de si, um ser individual e outro coletivo. Para ele, o homem é um ser “duplo” que vivencia a organização de atividades limitadas e as representadas pela sociedade, ou seja, numa perspectiva do micro e do macro, na qual o indivíduo é estimulado a cooperar na representação da ordem social, vivenciando e reproduzindo um “padrão” coletivo. Nesse sentido, o papel da cultura consiste “em impor ao indivíduo as representações coletivas do grupo e restringir as paixões com obrigações e envolvimento sociais” (TURNER, 2014, p. 50). Nas restrições estariam os desejos, o erotismo, a sexualidade, por sua vez mais próximo da vivência do ser individual, regulamentando e exercendo influência na moralidade da ordem social. As argumentações de Durkheim (1961), e aquelas mais aprofundadas por Turner (2014) são importantes para refletirmos sobre o processo de controle social do corpo, bem como as formas de enfrentamento daqueles que se sentiam prejudicados pelas normatizações impostas ao corpo na socialização, como é o caso dos homossexuais, travestis, lésbicas e transgêneros.

Em contrapartida, se o corpo é uma “estrutura simbólica” (LE BRETON, 2003, p. 31), influenciado pelo social e cultural, necessitamos reivindicar sua transformação e a sua forma de se estar no mundo, na medida em que os usos sociais do corpo são determinados pelas experiências coletivas. É o que propõe Anjos e Cardoso (2014, p. 69) no texto *Hanami ou corpos fogem, vazam, escapam...*, visto que “pensar em corpos femininos e masculinos tem se constituído como um exercício de distribuir funções, objetos e características a um ou a outro tipo de corpo”. As autoras analisam algumas passagens do filme *Hanami – Cerejeiras em Flor* para “problematizar a estabilidade das normas discursivas do “sexo” e, apoiando-se na discussão de gênero” pós-estruturalista, a questionar o que é ser homem e ser mulher, ser homossexual e heterossexual, categorizar-se ou não para se sentir seu corpo, transpor ou não a fronteira do sexo (ANJOS; CARDOSO, 2014, p. 69, grifo do autor). Para as autoras, essas categorias são “normativas” e “excludentes”, na medida em que as “noções de feminino e masculino serão compreendidas,

neste trabalho, como efeitos das normas de gênero, contrariando a existência de corpos naturais.” (ANJOS; CARDOSO, 2014, p. 69).

Compreende-se que é preciso fazer uma interlocução entre os estudos sobre o corpo, gênero e sexualidades, pois só assim poderemos entender que eles se interligam e que dificilmente poderemos compreendê-los, separadamente. É preciso fazer uma leitura mais eficiente dessas temáticas ao questionar a representação social das identidades de gênero e sexual, bem como os espaços que a elas são designados, pois sabemos que as “identidades de gênero são parte da cultura e estão marcadas pelas formas como usamos nossos corpos discursivamente” (GOMES, 2013, p. 14). Assim, nossa compreensão de gênero passa pela reflexão do gênero como uma categoria de análise histórico-cultural (SCOTT, 1995), estabelecida pelas experiências (THOMPSON, 1981), visto que o gênero é “tanto o produto quanto o processo de sua representação” (LAURETIS, 1994, p. 211), abrangendo os significados da identidade do “outro”, bem como o papel atribuído ao indivíduo nas relações construídas dentro de determinado lugar.

Entende-se que a partir da significação, poderemos perceber a valorização significativa do diferencialismo, da afirmação política das diferenças, dos processos identitários e de igualdades, ou seja, o conceito de gênero passaria a chamar a atenção para a diversidade ou as “diferenças dentro da diferença” (DIAS, 2014b, p. 57). É o que propõe Butler (2010b, p. 26), quando afirma que a “ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados de gênero, descritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo estes corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável”. Nessa perspectiva, a autora questiona as formas de construção do sexo e do gênero no processo histórico-cultural da sociedade, a fim de chegar à conclusão de que é necessário passar por um processo de “desconstrução” do gênero, da visão dicotômica de corpos masculinos e femininos, para pensarmos num corpo em “performance”.

Butler (2010b) questiona a forma pela qual o corpo foi construído, com demarcações imposta pela perspectiva do sexo/gênero, que propõe, por um lado, a estrutura binária do sexo e, por outro, a coerência interna do gênero. Para ela, foram despejados na sociedade “discursos heterossexuais compulsórios” a partir da regulação - criticando a significação cultural que fixa a representação do corpo heteronormativo, fruto de uma concepção de “cristãos e cartesianos, os quais, antes do surgimento da biologia vitalista no século XIX, compreendiam o corpo como matéria inerte que nada significa” (BUTLER, 2010b, p. 186). O corpo passa então a ser visto como um conjunto de “fronteiras” individuais e coletivas demarcado politicamente, que questiona as representações de gênero, visto que o sexo para Butler (2010a) é “produzido” e não um processo de construção, sendo a ele atribuídos sentidos e significados performáticos que desestabilizam e desnaturalizam o gênero vinculando-o a um discurso heteronormativo.

Butler (2010b, p. 154) nos alerta para entender que a “performatividade” é uma prática “reiterativa” e “situacional”, na qual o discurso é, também, o produtor dos efeitos

que lhe designa. Nas palavras da autora, as “normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2010b, 154). Nesse sentido, essas normas regulatórias tendem a construir uma materialidade fixa, rígida, controlada do corpo influenciada pelas relações de poder. Em outras palavras, as normas que regulam o sexo produzem performativamente, a materialização do corpo e a diferença sexual, considerando apenas o discurso heteronormativo.

É justamente a necessidade de repensarmos esse “construto” cultural que precisamos refletir, visto que se deve levar em consideração o que foge ou se distancia do discurso binário do masculino/feminino, terã com seus corpos deslegitimados, questionados e, em muitos casos, marginalizados, na medida em que a construção do gênero pelo corpo se torna excludente e propicia a formação de seres “abjetos”, “estranhos”, “excêntricos”, não “civilizados”. Assim, os limites da construção do gênero devem também incluir os corpos em fronteiras ou que ultrapassam a oposição homem/mulher, para que nesse processo possamos problematizar e desconstruir imagens corporais estereotipadas pela sociedade, bem como sua reprodução no cotidiano.

Corpo, gênero e sexualidades na formação de professores

Até que ponto a cultura, com as mais variadas formas de influências nas socializações humanas, contribuiu para a resignificação dos corpos? Como avançamos nos modos de descentralização, de controle e de intervenções no corpo? Alterou-se a fixidez posta pelos códigos, linguagens, normas sociais? Ao refletir sobre essas questões, pretendemos problematizar os estereótipos “demarcadores” que tendem a incluir e excluir corpos na sociedade, para pensar como a escola pode contribuir para a iniciação de uma formação não discriminadora.

No decorrer dessa sessão apresentamos alguns dados para análise de uma pesquisa em desenvolvimento intitulada *A inclusão da perspectiva de gênero na formação de professores para uma educação não discriminadora*, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que objetiva refletir sobre como as práticas escolares contemporâneas estão a educar os meninos e meninas para produzirem as diferenças, na tentativa de mostrar a necessidade de incluir o princípio da coeducação para ampliar as relações de gênero nas práticas educativas, bem como as desigualdades no campo da educação.

A pesquisa de campo está sendo realizada em escolas da educação básica no município de Itabaiana, estado de Sergipe, bem como na Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Prof. Alberto de Carvalho, situado na cidade de Itabaiana/SE. Estão sendo

consultadas diferentes fontes de informação, com vistas a produzir um conhecimento do objeto a partir de coleta de dados, tais como: documentos institucionais, estatísticas oficiais; questionários, entrevistas, intervenções. A análise dos dados está sendo guiada pela análise de conteúdo. (BARDIN, 2008).

Dentre as ações da pesquisa, destacamos para a análise neste texto a proposta de intervenção *Formação de professores para uma educação não discriminadora*, com o objetivo de aproximar os estudantes da graduação da UFS, a escola e a comunidade de uma abordagem científica de análise e discussão do tema corpo, gênero e sexualidade, partindo das problemáticas sexistas assim como das desigualdades de gênero. A proposta era realizar intervenções e analisar o resultado durante todo o processo, dialogando com os/as alunos/alunos e professores/professores sobre algumas concepções de corpo, gênero e sexualidade influenciadas pelos estudos pós-críticos.

A proposta durou 80 horas e articulou discussões teóricas e oficinas práticas com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do município de Itabaiana/SE. Participaram dessas ações dez docentes (um homem e nove mulheres) da rede municipal de Itabaiana/SE e 23 alunos (dois homens e 21 mulheres) do Curso de Pedagogia do Campus Itabaiana da UFS. Foram realizados 15 encontros de quatro horas de duração, com discussões de textos sobre corpo, gênero e sexualidade e atividades práticas, e cinco oficinas de quatro horas de duração em seis turmas de ensino fundamental – anos iniciais.

A escolha dos participantes se deu na presença dos investigados no Programa de Iniciação à Docência (Pidid) do Curso de Pedagogia, pois todos os/as alunos/as estão vinculados ao programa no projeto de Educação e Diversidade e os /as docentes atuam na instituição de ensino em que desenvolvemos as oficinas. Assim, inicialmente, procuramos apresentar a todos os participantes da pesquisa os nossos objetivos, a metodologia e as ações problematizadas com as temáticas do corpo, gênero e sexualidades.

Ao dialogar com os participantes, nossa primeira impressão foi a ausência de conhecimento sobre corpo, gênero e sexualidade. Muitos apontaram a ideia de corpo biológico, as representações de gênero ligadas ao binarismo homem/mulher e a sexualidade vinculada ao sexo e a doenças sexualmente transmissíveis. Desse contexto, começamos a problematizar as significações que eles tinham sobre o termo gênero e diversidade sexual a partir das sugestões individuais coletadas sem identificação, com a intenção de refletir sobre as problemáticas, estereótipos, dúvidas e questionamentos, durante os encontros.

Sobre os sentidos e significados atribuídos ao corpo, trabalhamos a perspectiva da representatividade dos corpos, a partir de uma discussão sobre a “igualdade dos corpos”, as desestabilizações dos corpos. A ideia era apresentar e discutir as imagens de corpos “normais” e de corpos “excêntricos” ou que fugiam das normas, tais como magros, gordos, musculosos, tatuados, com piercing, as étnicas e raças que no momento da intervenção causassem estranhamento e que trouxessem questionamentos sobre as

normas que reiteram e enquadram as ideais de corpos brancos, magros, masculinos e heterossexuais (LOURO, 2010). As imagens apresentadas eram de mulheres e homens, tatuados e não tatuados, gordos e magros, com e sem piercing, masculinizados e feminilizados, corpos trans (travestis, drag queens, transexuais).

Como respostas apareceram: “feio”, “errado”, “estranho”, “horrível”, “não combina”, “jamais andaria com gente assim” para as imagens que apresentavam corpos gordos, tatuados, com piercing e corpos trans. Alguns consideravam aceitável e que poderiam embelezar os corpos, mas com prudência. Observamos que inicialmente os argumentos estavam carregados de um discurso “normalizador” ou “civilizador” que põe limites aos corpos, disciplinando-os a um “padrão” social, que inclui os adequados às normas e exclui os diferentes. Para Foucault (2014), nós sempre estamos submetidos às várias ações dos poderes repressivos e dispositivos de disciplinamento que atravessam os corpos por meio da “rejeição”, “exclusão”, “barragem” e “ocultamento”. As falas dos participantes, por vezes, tentaram legitimar e enquadrar os corpos a lugares fixos, dificultando e impondo limites aos corpos não civilizados, visto que os discursos marcam os corpos. Segundo Goellner (2010, p. 28), a linguagem tem o poder de nomear, classificar, definir normalidades e anormalidades no corpo, mas considera, também, que esse processo não é universal, na medida em que a relação tempo/espaço influencia as formas pelas quais os corpos vivem, circulam, expressam, se produzem e se escolarizam. Para ela,

diferentes marcas se incorporam ao corpo a partir de distintos processos educativos presentes na escola, mas não apenas nela, visto que há sempre várias pedagogias em circulação. Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. Dizem também de nossos corpos e, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz. (GOELLNER, 2010, p. 29).

A representatividade do corpo se expressa nas relações pautadas nos tempos e espaços onde ele se situa e circula e, também, a partir da produção e da reprodução de significados atribuídos a ele. Assim, ao falar de nossos corpos, temos também que falar sobre nossas identidades ou de nossos processos de identificação cujos desdobramentos influenciarão os sentidos e significados que atribuímos ao corpo, passando uma produção cultural.

Nos encontros, as questões sobre o corpo passaram a ser tratadas pelos investigados com estranhamento e desconfiança, como se aquele lugar não fosse apropriado para falar sobre sua representatividade. Muitos optaram por silenciar ou, ao falar, reproduziam o discurso normalizador, enquadrando e desenquadrando os corpos que lhes foram mostrados. No entanto, nas atividades práticas, certas situações desestabilizaram alguns dos pesquisados que desenvolviam a oficina, principalmente no que se refere aos alunos que

fugiam das normas ou enquadramentos sociais de masculinidade. Na terceira oficina, realizada numa turma de 3º ano do ensino fundamental, um aluno chamou a atenção dos quatro investigados que ali estavam para desenvolver a temática sobre masculinidades e feminilidades através de atividades dirigidas. Os trejeitos do garotinho, a voz e a forma de falar, além da maquiagem que ele usava naquele dia impactaram as ações que se desenvolviam com os alunos na faixa etária entre oito e nove anos. De imediato, a docente, ao conversar com a equipe, argumentou sobre o aluno, relatando-nos:

Vivo uma situação difícil, pois tenho que ficar *controlando o aluno X* o tempo todo na minha sala de aula. Digo que não é assim que se comporta, que se fala, e quando ele chega com maquiagem eu *faço* ele lavar o rosto, mas não adianta, ele me enfrenta e põe de novo. No pátio, vive sendo mangado, mas você pensa que ele liga, não está nem ai, e continua pelo meio. Parece, sabe, que ele vive nos testando, *para ver o que fazemos* (sic). (DOCENTE A).

Embora a docente desenvolvesse o que chamamos da pedagogia do corpo, com ações que o tempo todo tentavam adequar o aluno em normas heteronormativas, exercendo o controle, a escolarização e negação do corpo, percebeu-se que o aluno já estava desenvolvendo uma ação de enfrentamento a essas normas, posicionando-se e dando materialidade aos significados e ressignificados do seu corpo, do seu desejo e de sua sexualidade. Conforme Goellner (2010), o corpo também é o que está ao nosso redor, possibilitando ser representado por nossas intervenções, pelas roupas que usamos, pela imagem que ele se produz. Assim, não são apenas as características biológicas que o definem e o representam, mas os sentidos e significados sociais e culturais que atribuímos ao corpo, visto que ele é uma superfície, um cenário de inscrição cultural dos acontecimentos (FOUCAULT, 2014). Como as relações de poder são discursivas, a representatividade do corpo pelo aluno se destaca nos enfrentamentos e demarcações de espaço nas relações interpessoais, desestabilizando a fronteira do gênero e da sexualidade, visto que “emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.” (LE BRETON, 2007, p. 08).

A abordagem de gênero na proposta de intervenção se iniciou a partir da exibição do vídeo *Minha vida de João*, produzido em parceria pelas Organizações Não Governamentais (ONG) Instituto Promundo (Rio de Janeiro), Instituto Papai (Recife), Ecos (São Paulo) e *Salud y Género* (México). O vídeo retrata a trajetória familiar, social, escolar, profissional de um garoto chamado João, que vivencia situações durante sua submissão a padrões e normatizações sociais tais como condutas machistas, papéis sociais rígidos de gênero, violência entre homens, violência familiar, homofobia, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. Após um amplo debate coletivo em que as opiniões foram bastante diversas, percebeu-se que os participantes da proposta de intervenção tentaram enquadrar ou aproximar as ações do personagem João às normas sociais do que é próprio para o masculino e para o feminino. O vídeo tinha uma abordagem lúdica,

apresentando a vivência de João em várias situações do seu desenvolvimento, a partir do desenho, com intervenção direta na história por meio de uma borracha e um lápis que se apagava e reescrevia a história a todo momento. Eram “apagadas” pela borracha as atitudes/comportamentos/características de João e eram “criadas” novas pelo lápis, deixando em evidência as “influências”, por meio de um lápis e uma borracha, significando o estímulo ou a coibição das situações.

- » O lápis e a borracha representavam as normas, as atitudes e os comportamentos que a sociedade impõe para a figura masculina, onde deve se comportar de tal maneira, sem fugir do padrão de masculinidade. (ALUNA 15).
- » A borracha apagava todas as atitudes, características e comportamentos afeminados e criava comportamentos machistas. (ALUNA 3).
- » Quando o João agia e se comportava de forma afeminada, a borracha apagava e, eram criadas pelo lápis comportamentos e objetos que eram postos nele, considerados padrões de masculinidade criados pela sociedade (sic). (ALUNA 19).
- » O vídeo contribui ainda mais para compreender que a sociedade, juntamente com nossa cultura, tem moldes próprios para a mulher e para o homem. (ALUNA 9).

No debate, apareceram discursos dicotômicos, certo/errado, pode/não pode, coisa de homem/coisa de mulher nas falas e argumentos dos participantes, deixando claro que o “lápis” e a “borracha” representavam as “normatizações” que a sociedade impõe aos corpos masculinos e femininos, uma escolarização ou silenciamento, principalmente, porque o personagem João se distanciava do padrão de masculinidade esperado pela nossa cultura.

Em *Vigiar e punir*, Foucault (1987) contribuiu para explicar as relações de poder entre os gêneros no campo da educação através da análise da normatização da conduta de meninos e meninas, professores e professoras, bem como a produção dos saberes sobre sexualidade e os corpos nos múltiplos processos educativos. As instituições escolares podem, em suas práticas cotidianas, criar mecanismos de controle disciplinador do corpo, bem como outros mecanismos, como formas do poder simbólico das instituições escolares (DIAS, 2014b). No caso específico do vídeo, no curso da intervenção, foi importante para desestabilizar padrões e para pensar sobre as masculinidades e feminilidades. Ao desenvolver essa temática e trabalhar com o vídeo no 4º ano do ensino fundamental, também foi possível observar que os alunos tentavam identificar nas ações do João o que era próprio do menino e da menina, fazendo uma conexão com aquilo que lhes fora ensinado em casa pela família.

Algumas questões trabalhadas no questionário aplicado com os participantes da proposta de intervenção merecem destaque, para que possamos refletir sobre alguns aspectos das representações e estereótipos de gênero. Das várias questões sobre a pesquisa, destacamos algumas que seguem no quadro 1, pois tratam das demarcações de gênero.

Tabela 1: Demarcações de gênero

Questões	Sim	%	Às vezes	%	Não	%
Compreendo que o preconceito de gênero é um problema da sociedade, e não do indivíduo?	16	69,5	0	0	09	39,5
Quando os/as alunos/as fazem piadas sexistas ou racistas, explico por que não são corretas?	13	56,5	08	35	02	8,5
Estou atento/a ao fato de que muitas/os meninas/os têm uma imagem negativa do próprio corpo?	16	69,5	04	17,5	03	13
Tento reverter os estereótipos de gênero?	10	43,4	06	26	07	30,6

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Conforme os dados das respostas dos participantes, houve diversidade nos discursos e nos sentidos que atribuem à temática, na medida em que, dos 23 participantes da pesquisa, 69,5% afirmam e 39,5% negam compreender que o preconceito de gênero é um problema da sociedade e não individual, cabendo dialogar sobre a necessidade de incluir ações que colaborem para o conhecimento e para a ampliação dos direitos. No que se refere às intervenções, quando os/as alunos/as fazem piadas sexistas ou racistas, explicando por que não são corretas, 56,5 afirmaram que sim, 35% que agem às vezes e 8,5% que não explicam e nem problematizam a questão. Sobre a imagem negativa do corpo, 69,5% afirmaram que estão atentos/as ao fato de que muitas/os meninas/os têm uma imagem negativa do próprio corpo, 17,5% que só às vezes verificam e 13% afirmaram que não percebem essa questão. Segundo Meyer e Soares (2004), o corpo é imerso na cultura, e por ela redefinido, ressignificado pelas interferências que padronizam e potencializam a noção que temos do sujeito. As respostas chamam a atenção para os discursos normativos, que inculcam nos meninos e meninas, em homens e mulheres uma idealização e padronização de corpos para serem “aceitos”. Por fim, aos questionarmos se eles/as tentam reverter os estereótipos de gênero nos seus processos de socialização, 43,4% dos participantes afirmam que revertem esses estereótipos, 26% afirmam que só às vezes e 30,6% relatam que não revertem os estereótipos de gênero no seu cotidiano. Esse silenciamento pode estar vinculado ao fato de que na sociedade ainda há desconhecimento sobre a diversidade de gênero e sexual, refletindo diretamente na escola que, como produtora e reprodutora social, acaba criando formas de perpetuar concepções heteronormativas, reforçando de forma sutil o sexismo, as discriminações e estereótipos (LOURO, 2010).

Sobre como vem se dando a inclusão da abordagem sobre corpo, gênero e sexualidade no Curso de Pedagogia, na perspectiva dos e das estudantes, obtivemos vários depoimentos, alguns contraditórios, que expressam positivities e negatividades:

- » Atualmente, essa questão ainda está sendo lidada da mesma forma dos tempos anteriores, ou seja, ainda é uma questão de preconceito da sociedade, são poucos homens que queiram atuar nessa área. (ALUNO 2).
- » Está sendo inserida nas disciplinas aos poucos, de forma clara e objetiva. (ALUNA 3).
- » Na minha opinião, é aceita de forma aparente, ou seja, camuflada. (ALUNA 22).
- » Pelo que tenho observado quase nada de relevância. (ALUNA 1).
- » A dominação de gênero é histórica. Gestores e educadores minimizam essas questões e parecem considerar as desigualdades de gênero como simples diferença a ser respeitada ou tolerada. (ALUNO 17).
- » “Vem sendo incluído aos poucos, com muita dificuldade” (ALUNA 7).

Acredita-se que as positividades e negatividades dos discursos podem ter sido influenciados pelas vivências nas salas de aulas e fora delas, visto que são construídas em um campo plural, diverso e dinâmico, que possuem as mais variadas formas de aquisição. Assim, as falas dos pesquisados refletem o resultado da socialização com a temática, a partir do contato com diversos docentes que possuem ou não familiaridade com elas, tendendo ao questionamento ou à reprodução das normatizações. Pode-se perceber no discurso do aluno 17, por exemplo, não só que possui familiaridade com a temática, mas que a vivencia no seu cotidiano de trabalho como docente da educação há mais de 15 anos, no qual reflete sobre questões que nem sempre são trabalhadas na escola.

Na pesquisa também foi possível perceber que as temáticas sobre o corpo, gênero e sexualidade estão sendo inseridas nas disciplinas obrigatórias e optativas, nas atividades de pesquisa e extensão, bem como em eventos elaborados por docentes que estudaram ou estudam na pós-graduação e que desenvolvem pesquisas na área. Quando questionamos como professores e professoras do Curso de Pedagogia da UFS traduziam políticas de igualdade de gênero em práticas pedagógicas não discriminatórias, pudemos obter os seguintes relatos:

- » Que estejamos cientes que é preciso desconstruir o preconceito que as pessoas têm umas com as outras, que ao irmos lá fora como futuros pedagogos que não reproduzam isso também, mas que quebrem com essas normas. (ALUNA 8).
- » O ideal é abordar de forma natural, incluindo esse tema nas atividades diárias dos alunos. (ALUNA12).
- » Só na teoria. (ALUNA 6).

- » São uns três professores que focam nessa temática. Elas/es conversam sobre culturas que temos que respeitar tanto a cultura, opção sexual e religião, e procurar entender o que fez a pessoas fazer tal escolha. (ALUNO 19).
- » O estudo de textos e o discurso dos professores são muitos mais frequentes do que dizer realmente como se deve agir e o que devemos fazer. (ALUNA 15).

Segundo Carvalho (2009), a formação docente e as práticas pedagógicas estão mais sensíveis para abordar essas temáticas, desconstruindo significações e identificações fixas de gênero. Nas palavras da autora, “admite-se que a educação, os processos escolares e as ações docentes influenciam a equidade ou iniquidade de gênero e, inversamente, que o gênero impacta as experiências e os resultados educacionais” (CARVALHO, 2009, p. 31). Na formação docente e nas práticas escolares, a socialização acontece na rotinização, nos diálogos, nos conflitos, nas formas de identificação, refletindo sobre os sentidos e significados de pertencimento e potencializam a representação das subjetividades.

Como as normatizações se expressam nos discursos e nas ações docentes, nelas também se pode iniciar um processo de desconstrução de identidades fixas de gênero, sexual, de raça e de classe, a partir da reflexão sobre os próprios processos de construção das identidades/subjetividades e da experimentação e inclusão de novas ações transformadoras da realidade.

Considerações finais

Neste trabalho, além de responder as questões preestabelecidas para a investigação inicial, procurou-se refletir, no processo de análise e escrita, sobre outras indagações relativas às temáticas do corpo, gênero e sexualidades, na medida em que as problemáticas referentes às representações do sentido e significado atribuídos a essas temáticas no campo da educação, no trabalho docente, na formação inicial e continuada se configuram como um campo multidisciplinar de análise.

Infere-se que as discussões acerca do corpo, gênero e sexualidades avançam em algumas áreas do conhecimento e em outras ainda permanecem como tema menos significativo, sob as diferentes perspectivas interpessoais dos investigadores, justificando o interesse inicial desta pesquisa sobre as diversas dinâmicas que a docência tem passado, numa perspectiva internacional/nacional, macro/micro, coletiva/individual e objetiva/subjetiva.

A partir da leitura dos autores Le Breton (2007), Louro (2010), Foucault (2014), Butler (2010) e Goellner (2010), percebe-se que o corpo é um fenômeno social e cultural, carregado de significações, que repercutem nas representações e imaginários sociais

de gênero e sexualidade, pois como é existencial, ele necessariamente muda e se fragmenta a partir das experiências. É importante questionar a forma pela qual ele está sendo construído, para que possamos desvinculá-lo das demarcações do sexo/gênero ou dos dispositivos da sexualidade que tendem a controlá-lo ou normatizá-lo com discursos heteronormativos.

A cultura contribuiu para a resignificação dos corpos a partir de avanços nos modos de descentralização, de controle e de intervenções, alterando a fixidez posta pelos códigos, linguagens e normas sociais. Contudo, essa realidade ainda enfrenta resistência na materialidade dos significados do corpo, do seu desejo e de sua sexualidade, como ficou evidente nos argumentos dos participantes da pesquisa.

A inclusão da abordagem sobre o corpo, gênero e sexualidade no Curso de Pedagogia e nas práticas pedagógicas dos/as docentes está sendo inserida nas disciplinas obrigatórias e optativas, nas atividades de pesquisa e extensão de docentes que estudam ou estudaram as temáticas nos cursos de pós-graduação e estão dando continuidade ao retornar para as atividades profissionais. Observou-se, também, positivities e negatividades no discurso dos participantes, na medida em que podem ser influenciados pelas vivências nas salas de aulas e fora delas, num processo dinâmico a partir das mais variadas formas de aquisição, possibilitando um processo de desconstrução de identidades fixas de gênero, sexual, raça e classe.

Diante das reflexões e discussões em um tema tão dinâmico e complexo, é impossível ter a pretensão de ter estudado e compreendido todas as suas perspectivas. Entretanto, ouse-se revisitar e refletir sobre as temáticas do corpo, gênero e sexualidades, com o objetivo de problematizar e desconstruir estereótipos na formação de professores e na educação básica.

Recebido em outubro de 2014 e aprovado em fevereiro de 2015

Notas

- 1 Pesquisa financiada pela CAPES e CNPq.
- 2 DIAS, A. F. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, n° 12, vol. 07, 2014a, pp. 103-112.

Referências

- ANJOS, Juliana Prochnow dos; CARDOSO, Lívia de Rezende. Hanami ou corpos fogem, vazam, escapam... **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, v. 12, p. 69-78, jan./abr. 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Prol, 2008.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Inclusão da perspectiva de gênero na educação e na formação docente. In: TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; DUMONT, Adilson (Org.). **Discutindo relações de gênero na escola: reflexões e propostas para a ação docente**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Belo Horizonte, MG:GSS: FUNDEP, 2009.
- DENZIN, N. K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIAS, Alfrancio Ferreira. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, v. 12, p. 103-112, jan./abr.2014a.
- _____. **Representações sociais de gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e à qualificação**. Vitória da Conquista, BA: UESB, 2014b.
- DURKHEIM, Emile. **The elementary forms of the religious life**. London: Allen & Unwin, 1961
- FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.18, n. 3, p. 811-836, set./dez. 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da punição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GOMES, Carlos Magno. Os estudos de gênero como modelo de leitura. In: DIAS, Alfrancio Ferreira; PACHECO, Ana Cláudia Lemos (Org.). **Gênero trans e multidisciplinar**. Jundiaí, SP: Paco, 2013.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. A escolarização dos corpos e das mentes. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues. Corpo, gênero e sexualidade nas

práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TURNER, Bryan S. **Corpo e sociedade**: estudos em teoria social. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

Body, gender and sexuality *Questioning stereotypes*

ABSTRACT: The purpose of this paper is to revisit approaches to the body, gender and sexuality, questioning stereotypes in teacher education from the perspective of post-critical studies, by showing the resistance to their inclusion in education and to their deconstruction through being given new meanings.

Keywords: Body. Gender. Sexualities

Corps, genre et sexualités *Mettant en problématique les stéréotypes*

RÉSUMÉ: L'objectif de ce texte est de revisiter les approches du corps, du genre et de la sexualité, en mettant en problématique les stéréotypes dans la formation de professeurs à partir de la perspective d'études post-critiques, en montrant la résistance à leur inclusion dans le champ de l'éducation et en les déconstruisant à partir de nouvelles significations.

Mots-clés: Corps. Genre. Sexualités.

Cuerpo, género y sexualidades *Problematizando estereotipos*

RESUMEN: El objetivo de este texto es revisar las aproximaciones a los conceptos de cuerpo, género y sexualidad, problematizando estereotipos en la formación de profesoras a partir de la perspectiva de los estudios poscríticos, al mostrar la resistencia a su inclusión en el ámbito de la educación y al deconstruirlos a partir de nuevas significaciones.

Palabras clave: Cuerpo. Género. Sexualidades.